

CONTEÚDO E FORMA

Pesquisa se
debruça sobre
literatura
infantil russa
das décadas de
1920 e 1930

Ana Paula Orlandi

“**N**o Brasil sob as palmeiras/ Do calor vem a canseira,/ Sai andando dom Basílio,/ O carteiro brasileiro./ Na mão leva uma carta,/ Amarrada e extravagante./ No selo vai uma marca/ Da posta de lugar distante./ Sob o nome se vê um lembrete/ Dizendo que o destinatário/ No Brasil já não está presente/ Partiu de volta a Leningrado.” Assim escreveu o poeta, editor e tradutor russo Samuil (ou Samuel, em português) Marchak (1867-1964) no poema *O correio*, de 1927, em que carteiros do mundo todo saem em busca do escritor viajante Bóris Jitkov (1882-1938) para lhe entregar uma encomenda. Apresentar a literatura russa para crianças no Brasil é um dos objetivos da pesquisa de pós-doutorado que a editora Daniela Mountian desenvolve desde 2019 no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com apoio da FAPESP.

De acordo com a tradutora Denise Regina de Sales, professora de língua e literatura russa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pouco dessa produção foi lançado aqui. E o que chegou, diz, em muito se deve ao esforço da escritora, dramaturga e tradutora Tatiana Belinky (1919-2013), russa radicada no Brasil. “Tatiana é o grande expoente da divulgação da literatura infantil russa

em nosso país. Ela apresentou vários autores às crianças brasileiras, como Marchak e Ivan Krylov [1769-1844], considerado o maior fabulista da Rússia”, afirma Sales. “Mas o trabalho que vem sendo realizado por Daniela Mountian já está abrindo outras frentes de pesquisa sobre essa temática, que segue pouco estudada.”

O estudo é composto por duas partes. Na primeira, a pesquisadora mergulhou na produção infantil russa, sobretudo das décadas de 1920 e 1930, com direito a temporada de um ano de investigação no Instituto de Literatura Russa, em São Petersburgo. Na segunda etapa da pesquisa, ainda em curso, ela dedica-se a cotejar livros para crianças produzidos na Rússia e Brasil entre 1919 e 1943. Mountian não enfrentou obstáculos em relação ao idioma. “Meus pais emigraram da Moldávia [país que compunha a extinta União Soviética] para o Brasil na década de 1970. Ouço russo em casa desde criança, mas só me alfabetizei na idade adulta.”

A pesquisa de pós-doutorado é um desdobramento de seu doutorado na USP sobre a obra do poeta, escritor e dramaturgo russo Daniil Kharms (1905-1942). “Kharms pertencia à vanguarda russa e escrevia para o público adulto, mas essa produção foi censurada durante o regime comunista e teve circulação restrita”, informa Mountian. “Para sobreviver, Kharms também escreveu histórias infantis nas décadas de 1920 e 1930. Outros autores, que integravam o círculo de relações do escritor,



Ilustração para o livro *Brincadeiras com bola* (1931), de Lídia Popova

e cujas trajetórias literárias também não estavam ligadas originalmente ao público infantil, fizeram o mesmo. Esse fato despertou minha atenção.”

Ao começar a investigação, Mountian deparou com uma profícua cena editorial voltada para publicações infantis, tanto de livros quanto de revistas, da qual participaram poetas, escritores e artistas visuais, muitos deles oriundos da vanguarda russa. “A relação próxima entre vanguarda e literatura infantil como se deu na Rússia é um fenômeno sem precedentes. Trata-se de um momento extremamente fértil, com intenso diálogo entre o conteúdo e a forma”, observa. “Na época, havia um grande interesse dos artistas russos pela experimentação e isso se refletiu nos livros

infantis do período”, concorda Elena Vássina, professora de língua e literatura russa da USP.

Essa cena editorial, entretanto, não brotou de forma espontânea. De acordo com Mountian, após a revolução russa de 1917, que derrubou a monarquia e deu origem à União Soviética (1922), o novo regime comandou uma grande campanha para acabar com o analfabetismo no país. Também decidiu que era necessário produzir uma nova literatura infantil, sem o “ranço” do passado. Assim, os livros não falariam, por exemplo, de reis e princesas, mas de trabalhadores como carteiro, bombeiro e motorista. Com essa meta, o governo instalou uma seção infantojuvenil na Gosizdat, editora estatal criada em 1924, e, durante a Nova Política Econômica (1921-1928), permitiu a abertura de editoras privadas, como a Ráduga, que lançou cerca de 600 títulos para crianças entre 1922 e 1930. “Alguns autores passaram a produzir livros para crianças por motivos ideológicos, comprometidos com a ideia da ‘construção de um novo homem’, a exemplo do poeta Vladimir Maiakóvski [1893-1930]”, relata Mountian. Maiakóvski por vezes escolhia seus próprios ilustradores. Para seu livro *Cavalo-fogo* (1928), por exemplo, convidou a artista gráfica Lídia Popova (1903-1951), que havia estudado nos Ateliês Superiores de Arte e Técnica (Vkhuteemas), em Moscou, e ilustrou vários livros infantis, inclusive alguns autorais, como *Brincadeiras com bola* (1931). A aparente incongruência não

Capa e página do livro *Cavalo-fogo* (1928), escrito por Vladimir Maiakóvski e ilustrado por Lídia Popova





era rara naquele contexto. “Na década de 1920 e início dos anos 1930, havia certa liberdade de criação e isso acabou por beneficiar a produção voltada ao público infantil, que, contudo, nunca esteve livre de paradoxos. Como a literatura infantil era considerada ponto nevrálgico na construção do novo país e necessitava de novos escritores, poetas e ilustradores, um autor vanguardista impedido de publicar para o público adulto muitas vezes conseguia ilustrar ou escrever para crianças”, diz Mountian.

Ivan Iványtch, o samovar (1929), escrito por Daniil Kharms e ilustrado por Vera Ermoláieva

O acirramento da censura e a intolerância a novas linguagens artísticas aconteceram com o crescimento do poder de Josef Stálin (1878-1953), que passou a dirigir o país em 1929. Em 1934, durante o I Congresso da União dos Escritores Soviéticos estabeleceu-se que a literatura russa, inclusive a infantil, observaria as regras do realismo socialista – estilo sistematizado pelo teórico stalinista Andrei Jdanov (1896-1948), que preconizava que as obras de arte deveriam retratar a realidade e exaltar as virtudes do regime. “Mesmo favoráveis ao regime, os livros dos anos 1920 e início da década de 1930 feitos para divertir e estimular a imaginação foram tachados de ‘antissoviéticos’, ‘reacionários’ e ‘burgueses’, e seus autores foram perseguidos”, conta.

Foi o caso da pintora e artista gráfica Vera Ermoláieva (1893-1937) que, entre outros trabalhos, ilustrou o livro *Ivan Iványtch, o samovar*, escrito por Kharms e publicado em 1929. Acusada de propagar ideias antissoviéticas, Ermoláieva foi fuzilada aos 44 anos. Kharms teve destino parecido: preso pelo mesmo motivo, morreu de fome em uma instituição psiquiátrica aos 36 anos. “Marchak também foi perseguido, mas, provavelmente por ser uma figura influente na União Soviética, escapou da prisão.”

Considerado um dos pais da poesia infantil moderna russa, Marchak foi editor-chefe da se-

ção de livros infantis da Gosizdat e idealizou a *Ioj*, revista mensal voltada para crianças que circulou entre 1928 e 1935, com tiragem acima dos 120 mil exemplares. “Na década de 1920, ele levou poetas e escritores para o mundo da literatura infantil, a exemplo de Kharms, que começou a escrever para crianças na *Ioj*. Além disso, convidou Vladimir Lébedev (1891-1967), artista conhecido pela produção de cartazes, para ser editor de arte da Gosizdat. Lébedev, por sua vez, atraiu outros artistas visuais para os livros infantis da editora”, prossegue Mountian. “O faro editorial de Marchak pode ser comparado ao de Monteiro Lobato [1882-1948], que mudou a forma de comercializar e produzir livros infantis no Brasil.”

Como desdobramento da primeira etapa de sua pesquisa, Mountian organizou o livro *Contos russos juvenis* (Kalinka, 2021). “Percebi que para entender a produção soviética dos anos 1920 e 1930 precisaria dar alguns passos para trás e conhecer a literatura russa clássica para crianças iniciada formalmente no século XVIII por ninguém menos do que a imperatriz Catarina II [1729-1796], que escreveu dois contos para os netos”, relata Mountian. Para Elena Vássina, da USP, o lançamento é bem-vindo. “Talvez pelo fato de a história da Rússia ser permeada por guerras, muitas dessas narrativas infantojuvenis buscam passar a mensagem de que precisamos ser corajosos e ter a esperança em dias melhores. Trazem, sem dúvida, um grande ensinamento para os tempos atuais”, conclui. ■

Dois trabalhos de Vera Ermoláieva, produzidos em 1929: *Cachorrinhos* e a capa da revista mensal *Ioj* (à dir.)

Projeto

Literatura infantil russa e brasileira: Uma análise comparada (1919-1943) (nº 17/24139-9); Modalidade Bolsa de Pós-doutorado; Pesquisadora responsável Aurora Fornoni Bernardini (USP); Bolsista Daniela Mountian; Investimento R\$ 602.758,44.

